

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM DIANE KEATON
3 e 17 de Novembro de 2025

HANGING UP / 2000
(Linhas Cruzadas)

Um filme de Diane Keaton

Realização: Diane Keaton / Argumento: Nora Ephron e Delia Ephron, baseado num livro da segunda / Direcção de Fotografia: Howard Atherton / Direcção Artística: Waldemar Kalinowski e Troy Sizemore / Música: David Hirschfelder / Som: James J. Mase / Montagem: Julie Monroe / Interpretação: Meg Ryan (Eve), Diane Keaton (Georgia), Lisa Kudrow (Maddy), Walter Matthau (Lou), Adam Arkin (Joe), Cloris Leachman (Pat), Maree Cheatham (Angie), Myndy Crist (Dr Kelly), Elizabeth Hudson (assistente de Georgia), Edie McClurg (Esther), Celia Weston (Madge Turner), etc.

Produção: Nora Ephron Productions – Laurence Mark Productions - Columbia / Produtores: Nora Ephron e Laurence Mark / Cópia 35mm, colorida, falada em inglês com legendas em português / Duração: 94 minutos / Estreia em Portugal: Fonte Nova, Londres, Saldanha e S. Jorge, em Maio de 2000.

O último dos três filmes (um documentário e duas ficções) que Diane Keaton realizou foi um falhanço de bilheteira e levou um arraso generalizado da crítica, e não custa acreditar que esta recepção tenha motivado (ou desmotivado) a actriz-realizadora a deixar de ser realizadora: entre 2000 e 2025, ano da sua morte, só se encontra na sua filmografia mais um crédito de realização, logo no ano seguinte ao de **Hanging Up**, e trata-se de um episódio de uma série de televisão - meio que constitui o grosso do trabalho de Keaton como realizadora, sendo de notar o seu envolvimento em séries tão famosas e consideradas como o **Twin Peaks** orquestrado por David Lynch.

25 anos depois, importa pouco ir à procura daquilo que decepcionou tanta gente quando o filme estreou. Mas 25 anos é muito tempo, um quarto de século, o cinema americano mudou muito neste período: deste tipo de comédia romântica, ou pelo menos sentimental, havia às dúzias durante a década de 90 (foi, de resto, o género por excelência da popularidade de Meg Ryan, principal vedeta de **Hanging Up**), e depois deixou de haver. O que quer dizer que, se o filme talvez não se distinguisse muito ou se distinguisse mal, em 2000, da vastíssima produção de filmes muito semelhantes a ele, o que é plausível como razão para uma decepção, vê-lo hoje é uma experiência minimamente refrescante: é um filme que ainda se dirigia a espectadores adultos, maduros, feito num artesanato elegante (artesanato da escrita, artesanato da produção, artesanato, porque não, da mise en scène) totalmente desprovido de efeitos sensacionalistas. Cinema do século passado, literalmente falando.

É uma história de três irmãs, semi-afastadas umas das outras, que se preparam para a inevitabilidade da morte do pai, envelhecido e doente. O pai é Walter Matthau (no seu derradeiro papel em cinema: morreu em Julho de 2000, cinco meses depois da estreia

americana do filme), numa personagem com um passado em Hollywood (está sempre a falar do “seu amigo” John Wayne), que não será difícil aproximar do pai das irmãs Ephron, Nora e Delia, autoras do argumento. O pai delas, Henry Ephron, foi um argumentista com alguns créditos assinaláveis na década de 50, e o argumento (baseado num livro de Delia Ephron) será certamente uma forma de tratar assuntos de família, por assim dizer, tanto na relação das filhas com o pai (e com a mãe, que aparece apenas brevemente mas é um notável quase-cameo de uma enorme atriz, Cloris Leachman) como na relação das filhas umas com as outras. Imagina-se que haja não pouca matéria alusiva, secreta como uma “private joke” só decifrável por quem seja da família, talvez isso tenha contribuído para que, em 2000, muitos críticos se tenham queixado de que o filme era vago, e vagas as personagens e as relações entre elas.

O recorte das três irmãs (um número de irmãs muito tchekhoviano, o que provavelmente não será um acaso completo) é curioso. O filme centra-se na única que tem uma vida “anónima”, sem grandes ambições, mas que também por isso é a mais “empática” e a mais incapaz de não aceitar o fardo de lidar com o pai doente. Meg Ryan faz isso muito bem, num pragmatismo nervoso (a quantidade de vezes que mexe no cabelo, por exemplo, um tique que é obviamente uma coisa trabalhada) que visto agora parece ser um “upgrade” do tipo de personagens que tinha passado a década a interpretar, como se estivesse a preparar-se para outra gama de papéis (como efectivamente aconteceu logo a seguir, com o excelente **In the Cut** de Jane Campion, mas que foi tão injustamente mal recebido que acabou com o estado de graça, e quase com a carreira, da própria Meg, que assim ficou enclausurada como “uma atriz da década de 90”). A ansiedade da personagem é sublinhada através do recurso a um objecto que em 2000 começava a ser corriqueiro mas ainda era uma relativa novidade, o telemóvel (o dela está sempre a tocar, é para ela que ligam sempre do hospital onde está o pai, e cada vez que o telefona toca ela pensa o pior, que lhe vêm dar a notícia do morte do pai). Curioso, também, que Diane Keaton reserve para si o papel da irmã mais desagradável: se Lisa Kudrow é a irmã deslumbrada com o estrelato de atriz (embora não passe da cepa torta de soaps e sitcoms), Keaton é a irmã bem sucedida, directora da sua própria revista (uma “influencer”, dir-se-ia agora), mas um monstro de egoísmo e auto-centramento, que absorve as emoções e a tristeza das irmãs para as reciclar como suas e assim ter algum “sentimento” a oferecer à multidão das suas seguidoras. É a irmã mais velha, e provavelmente é a “mãe” também – se atendermos a que as Ephrons são só duas, e se atendermos a que a personagem de Keaton “completa” o retrato da mãe, nada lisonjeiro, dado na tal breve cena com Cloris Leachman.

O final não é nada mau, a partir do momento em que as três irmãs estão finalmente reunidas à cabeceira do pai (e nada mau, bem pelo contrário, é Walter Matthau, como se viesse directamente de Billy Wilder, sempre num humor brutal e sexualmente obcecado), e há bastante mérito em conseguir filmar a cena crucial (a morte de Matthau) como uma cena de comédia sem lhe retirar nenhuma da gravidade intrínseca – e como as três irmãs, elas próprias, riem e choram ao mesmo tempo, também o espectador que se deixe envolver mais profundamente por **Hanging Up** está autorizado a fazê-lo.

Luís Miguel Oliveira